

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

Nações irmãs: as repúblicas hispano-americanas na Nueva Revista de Buenos Aires (1881-1884)

Sister nations: the Latin American republics in the Nueva Revista de Buenos Aires (1881-1884)

Paula da Silva Ramos¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a atuação dos intelectuais argentinos Vicente e Ernesto Quesada que, à frente da *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885), participaram das discussões político-culturais acerca da construção da identidade nacional argentina e contribuíram para o estreitamento de laços culturais no continente, além de idealizar a Argentina como um meridiano cultural no contexto latino-americano. Mobilizando uma rede de relações pessoais, os intelectuais agiram como mediadores culturais, aproximando e ressignificando produções bibliográficas e debates acerca da literatura, idioma, heranças coloniais e culturais de vários países latino-americanos. Neste trabalho, abordaremos brevemente a trajetória dos editores com maior ênfase ao conteúdo das contribuições de autores colombianos, bolivianos, chilenos e mexicanos.

Palavras-chave: América Latina; imprensa argentina; mediações culturais.

Abstract: This article aims to analyze the performance of Argentine intellectuals Vicente and Ernesto Quesada who, at the head of *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885), participated in political-cultural discussions about the construction of Argentine national identity and contributed to strengthening cultural ties on the continent, in addition to idealizing Argentina as a cultural meridian in the Latin American context. Mobilizing a network of personal relationships, they acted as *passseurs culturels*, bringing together and giving new meaning to bibliographic productions and debates about literature, language, colonial and cultural heritages of several Latin American countries, including Brazil. In this paperwork, we will briefly discuss the trajectory of the editors with greater emphasis on the content of the contributions from Colombian, Bolivian, Chilean and Mexican authors.

Keywords: Latin America; Argentine press; cultural mediations.

¹ Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Assis. Atualmente atua como professora da educação básica no município de Assis. O presente artigo é fruto de tese de doutorado, realizada com financiamento da CAPES. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0000-7329-5784>. E-mail ramosps.his@gmail.com



Na segunda metade do século XIX, a necessidade de delimitação de uma identidade cultural se impunha aos homens de letras latino-americanos. Consolidadas as feições políticas do Estado, as atenções se voltaram ao estabelecimento da história e literatura nacionais, de uma gramática própria e das características peculiares do povo e da nação. O campo da cultura se apresentava como um espaço a ser edificado nos jovens países do continente, gerando um ambiente de múltiplos agentes, perspectivas, abordagens, instituições e associações. As revistas culturais colocaram em evidência essa efervescência e foram importantes para a conformação de determinadas visões de sociedade, além de contribuírem para a articulação e circulação de ideias e textos. Naquela conjuntura, homens públicos atuaram como promotores culturais, justificando suas ações como o cumprimento de uma missão patriótica. Esse foi o caso dos argentinos Vicente e Ernesto Quesada que, à frente da *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885), construíram um determinado projeto de nação, participaram das discussões político-culturais acerca da construção da identidade nacional argentina e contribuíram o estreitamento de laços culturais na América Latina.

O entendimento das noções de nação e nacionalidade é imprescindível para a compreensão da vida política no século XIX, uma vez que sobre estes pilares se estabeleceram a legitimidade dos Estados e foram construídos os discursos identitários que pautaram as discussões dos letrados acerca de temas como literatura, história e as peculiaridades dos habitantes de cada unidade territorial.

O conceito de nação, contudo, sofreu mutações ao longo daquela centúria. A princípio seu significado era fundamentado em termos políticos, podendo ser definido como uma associação de cidadãos cuja soberania coletiva os constituía como um Estado, vinculado a um determinado território (HOBSBAWM, 2002, p. 31). Nesta acep-



ção, associada às Revoluções Francesa e Americana, o povo-nação não necessariamente compartilhava características étnico-linguísticas, mas tinha em comum o consenso em torno do interesse coletivo e o reconhecimento de uma autoridade central.

A construção do Estado nacional argentino percorreu um caminho sinuoso. Desde a independência, diferentes projetos de governo colocaram em lados opostos Buenos Aires e as demais unidades provinciais que viriam a formar a República. Discordâncias sobre aspectos fundamentais da organização política, tais como a distribuição das rendas alfandegárias, grau de abertura econômica, centralização e laicização do Estado, ocasionaram décadas de guerras civis e rupturas, evidenciando os obstáculos quanto à obtenção de um entendimento comum e, conseqüentemente, da constituição de uma nação argentina.

Mesmo após a unificação do país, em 1861, tensões e lutas armadas foram frequentes, sobretudo durante os pleitos eleitorais, vivificando os termos da cisão entre a província bonaerense e as do interior. Este cenário perdurou até 1880, quando a vitória das forças nacionais sobre a rebelião capitaneada pelo então governador de Buenos Aires, Carlos Tejedor, culminou com a federalização da cidade portenha e a destituição do status privilegiado daquele município. Tais eventos marcaram a consolidação nacional e o conseqüente soerguimento de um Estado central forte e baseado em um do modelo econômico primário-exportador que já vinha sendo adotado nas décadas anteriores (HALPERÍN DONGHI, 1982, p. 138-141).

239

Paralelamente a este processo, internacionalmente a ideia de nação também adquiria novos contornos. De acordo com José Luis Bendocho Beired (1999, p. 195-197), ao final do século XIX, a concepção experimentou uma ampla mutação nos países ocidentais. Até então, o



conceito era identificado com o direito de soberania política dos cidadãos dos territórios delimitados pelos Estados. Após 1870, entretanto, passou a ser caracterizada a partir de determinados atributos culturais:

Para esta, a nação é entendida no sentido **pré-político**, prescindindo pois de uma instância estatal para lhe dar significado. A nação cultural supõe a existência de uma comunidade dotada de identidade em virtude de sua unidade étnica, cultural, linguística, histórica e religiosa. Frequentemente, também entende que a nação é constituída por uma essência atemporal que se revela no plano da história, fenômeno que os patriotas têm o dever de permitir desenvolver-se sob pena de comprometer a nacionalidade (BEIRED, 1999, p. 198. Grifo do autor).

240 Uma pretensa homogeneidade cultural da população se configurava na moldura da nação, atribuindo mais legitimidade do que aquela oferecida pelo constitucionalismo liberal. A partir de então, tornou-se imperativo o estabelecimento de uma unidade da língua, da religião e das tradições, que assegurassem a solidez do Estado nacional e manifestassem a singularidade cultural de seu povo. A atuação de Vicente e Ernesto Quesada na *Nueva Revista de Buenos Aires* estava alinhada a este novo panorama. Nos textos apresentados na publicação, a nação era entendida como uma unidade cultural, dotada de uma história singular, que retroagia ao período de domínio espanhol. O periódico contribuiu, assim, para a sistematização de uma determinada interpretação da identidade argentina, composta por elementos federalistas e nacionalistas contrapondo-se à centralização e ao cosmopolitismo que marcavam a política argentina do período.

A *Nueva Revista de Buenos Aires* foi promotora de uma concepção cultural de nacionalismo junto à elite letrada argentina, com vistas à construção de uma identidade e à projeção internacional do país. Dessa maneira, com o objetivo de fomentar uma maior coesão da sociedade,



em um período de mudanças aceleradas, a *Nueva Revista de Buenos Aires* propôs uma interpretação peculiar da história nacional que conciliava a herança cultural espanhola, a defesa do território, a valorização das províncias do interior e a atuação dos intelectuais como agentes de mudanças no país. Além de almejar para a Argentina um papel de norteadora cultural e de expoente político no continente.

Quanto a este último aspecto, Vicente e Ernesto Quesada, atuando como mediadores culturais introduziram no periódico um considerável número de colaboradores externos, desenvolvendo um projeto bem-sucedido de estreitamento de laços culturais no continente. Nessa perspectiva, destacou-se o uso do conceito de América Latina, bem como o lugar do Brasil no mensário.

Uma missão patriótica: Vicente e Ernesto Quesada e a *Nueva Revista de Buenos Aires*. 241

A vida pública de Vicente Quesada se entrelaçou com a estruturação do Estado nacional argentino, seja no exercício de funções junto ao governo ou encabeçando empreendimentos culturais. Foi deputado, diretor da Biblioteca Nacional e diplomata, cargos com os quais intercalou a condução da *Revista del Paraná*, da *Revista de Buenos Aires* e da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Ao longo de sua trajetória, a preocupação em definir as bases da identidade argentina, a busca por promover a cultura nacional e o empenho em construir espaços de sociabilidade lhe conferiram um significativo destaque. No início dos anos 1880, seu filho, Ernesto Quesada, com o qual possuía uma intrínseca parceria intelectual, se juntou às suas iniciativas culturais, dando início a uma frutífera carreira intelectual.

A Nueva Revista de Buenos Aires circulou em um período de trans-



formações econômicas, políticas e sociais, das quais a entrada de grandes contingentes de imigrantes foi uma das mais expressiva. Em meio à diversidade de nacionalidades, idiomas e costumes, a delimitação e afirmação de uma identidade se tornou um tema premente. No intuito de promover uma determinada visão do país, os Quesada mobilizaram um conjunto de intelectuais que refletiram sobre aspectos da história, da literatura e da própria condição de homens de letras. O exame dos colaboradores e do viés por eles adotado na elaboração dos textos publicados na *Nueva Revista de Buenos Aires* permitiu reconstituir parte das discussões sobre a formação de um nacionalismo cultural argentino, pautado nas peculiaridades do país, a exemplo da etnia, idioma e tradições.

242

A conjuntura iniciada na segunda metade do século XIX alterou profundamente as feições do país, sobretudo da cidade de Buenos Aires, que deixou para trás a aparência de uma “grande aldeia”² e adquiriu ares metropolitanos. As transformações foram notórias, sobretudo, no âmbito da imprensa. Observou-se o crescimento considerável de uma imprensa moderna, caracterizada pela grande tiragem, vendas avulsas a preços baixos, veiculação de publicidade, segmentação e diversificação de conteúdo, pela informação ágil, utilização de ilustrações e inserção de romances de folhetins (ZANETTI, 1994, p. 511). Dinâmica semelhante ocorreu em todos os países da América Latina.

As revistas culturais também se multiplicaram nos países latino-americanos. A maioria visava temas especializados, não cediam espaços a anunciantes e se autodeclaravam apolíticas, propondo-se mais próxima da perdurabilidade e prestígio do livro, do que da efemeridade

2 A novela *La gran aldea*, de Lucio V. López, foi publicada em 1884. Descreve a transformação de Buenos Aires, seus habitantes e costumes na segunda metade do século XIX.



dos diários. Muitas delas, como é o caso da *Nueva Revista de Buenos Aires*³, não ficaram restritas ao âmbito nacional e buscaram interconexões com publicações e intelectuais de outros países:

Promovieron, de modo inédito, la religación entre el marco específicamente literario: era una intercomunicación especialmente buscada; es más, se proyectaban conformando grupos o tendencias ideológico-estéticas de nivel hispano-americano. Estas revistas se ocupaban de problemas o asuntos generales latinoamericanos, insertaban colaboraciones de los escritores, reproducían sus textos y hacían crítica sobre ellos (ZANETTI, 1994, p. 514)

Conforme observado por Susana Zanetti (1994, p. 517), a imprensa foi o principal agente dos intercâmbios intelectuais latino-americanos. Em um período em que a circulação de livros era reduzida, os jornais, as revistas e os magazines foram suportes primordiais para o conhecimento e divulgação da literatura entre os diversos países do continente.

243

Ao apresentar a Argentina como um país coeso e voltado para a consolidação do progresso econômico e intelectual, a *Nueva Revista de Buenos Aires* objetivava projetar uma imagem positiva do país no cenário intelectual da América Latina. Nessa perspectiva, Vicente e Ernesto Quesada agregaram ao discurso do periódico um componente identitário internacional, baseada nas similaridades históricas e nos laços de fraternidade que uniam as nações latino-americanas, incluindo o Brasil.

Ao final do século XIX, muitos intelectuais hispoamericanos, a exemplo de José Martí, José Maria Torres Caicedo e José Enrique Rodó,

3 Com uma periodicidade mensal, a *Nueva Revista de Buenos Aires* contava em média com 160 páginas. Posteriormente, o periódico era reunido em tomos, compostos por quatro volumes. Publicada em formato in-8º, capa dura, com 23 cm de altura e 14,7 cm de comprimento, a publicação contou com um total de treze tomos.



refletiram sobre as aproximações entre os países latino-americanos traçando um paralelo com os Estados Unidos, algo que não foi adotado pelo periódico argentino. A *Nueva Revista de Buenos Aires* não condicionou suas propostas de cooperação continental à contraposição aos Estados Unidos. Nas raras menções aos norte-americanos, as críticas foram sutis, recorrendo a um ideário que contrapunha as características de latinos e anglo-saxões. Consideramos que o desejo de demarcar a Argentina como um meridiano cultural e reforçar a autonomia identitária latino-americana foram responsáveis pelo espaço reduzido ocupado pelos Estados Unidos nas páginas da revista.

244

Desde meados do século XIX, a análise dos intelectuais latino-americanos acerca das relações entre os Estados Unidos e os demais países do continente estava permeada pela própria construção do conceito de América Latina. Duas matrizes explicativas dividiram espaço quanto à formulação desse conceito e tiveram o expansionismo norte-americano como pano de fundo para suas reflexões. Na primeira, a terminologia seria fortemente devedora de políticos e intelectuais franceses que se relacionavam com o governo de Napoleão III, imperador da França entre 1852 e 1870. Nessa interpretação, o conceito tomou corpo em decorrência da intervenção francesa no México, na década de 1860, na esteira de uma estratégia para aumentar sua influência no Novo Mundo. A segunda matriz ressaltava as reflexões promovidas por uma rede de intelectuais ibero-americanos, em geral residentes ou de passagem pela Europa, e que demonstravam inquietação frente ao avanço norte-americano sobre territórios que, inicialmente, pertenciam ao México. De acordo com Carla Brandalise (2008, p. 22-23), levando-se em conta que esses políticos e intelectuais conviveram nos mesmos centros culturais europeus, as interações e influências foram, possivelmente, recorrentes.



As expressões “América Latina” e “latino-americanos” apareceram repetidamente na revista argentina, tanto em notas da direção, quanto em textos assinados por diferentes colaboradores do continente. As utilizações de tais expressões estavam associadas ao intuito de destacar as similaridades, promover o conhecimento mútuo, os intercâmbios intelectuais e ressaltar a originalidade cultural entre os povos e nações, marcando posição inclusive em relação à Europa.

De maneira geral, o discurso literário do século XIX não se distanciava do discurso político. Ambos estavam imbricados em um único projeto, a constituição do Estado nascente, de modo tal que, as iniciativas fundacionais da literatura latino-americana guardavam estreitas preocupações com o destino maior da nação (PIZARRO, 1994, p. 24-26). Nos artigos para a *Nueva Revista de Buenos Aires*, colaboradores de diferentes nacionalidades coadunavam com essa tendência, sobretudo por discutirem a estreita vinculação da literatura e de outras manifestações artísticas com a nacionalidade. A busca de uma genealogia nacional por um lado, e a tentativa de apontar as articulações continentais por outro, constituíram polos de tensão, muitas vezes sobrepostos em uma visão nacional-continental, que definiram o projeto fundacional da escrita literária latino-americana (PIZARRO, 1994, p. 29).

245

Intercâmbios culturais por meio da *Nueva Revista de Buenos Aires*.

Vicente e Ernesto Quesada almejavam para a *Nueva Revista de Buenos Aires* uma função similar à exercida pela *Revue des Deux Mondes* (QUESADA, E. 1884, p. 10). A revista francesa teve ampla circulação e foi, ao longo do século XIX, um importante canal de intercâmbio de ideias entre a Europa e a América Latina, propondo-se como uma intermediária cultural, cujo objetivo era transportar elementos de uma



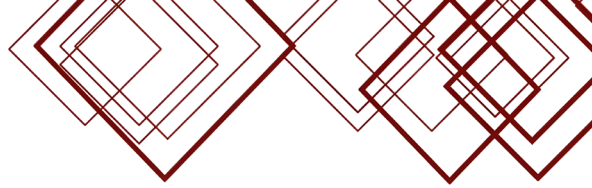
cultura para outra e de aproximá-las (CAMARGO, 2007, p. 29). Por meio da apropriação de um modelo de publicação europeu, que pode ser observado pelas similaridades estéticas e em seus objetivos, os intelectuais argentinos idealizaram o mensário como uma ferramenta de mediação cultural no contexto latino-americano. Apesar de lamentarem repetidas vezes as dificuldades financeiras enfrentadas pela revista, na tentativa de impulsionar a embrionária vida literária na Argentina, ambos nutriam a esperança de vê-la trilhar um percurso análogo ao da publicação europeia. Na apresentação de um artigo datado em abril de 1884, sobre as etapas da *Revue des Deux Mondes*, a direção destacava a origem modesta da revista francesa, cujo crescimento posterior se devia à perseverança de seu proprietário, François Buloz (*N. de la Direc. RACOT*, 1884, p. 129).

246

O rompimento político em relação à metrópole promovido pelas independências hispano-americanas deu início a uma difícil tarefa por parte da elite letrada do continente, pois significou, ao mesmo tempo, um afastamento em relação à Espanha, sua matriz linguística e referencial cultural, e a construção uma nova ligação com o contexto europeu, ao qual os jovens países do continente procuravam integrar-se:

Os países americanos não romperam com suas metrópoles para se distanciar do sistema mundial, mas para fazer parte dele de uma nova maneira, o que exigiria a construção de referências distintas das metropolitanas, mas igualmente europeias (COSTA, 2007, p. 25).

O deslocamento cultural para um referencial francês estava associado, simbolicamente, a uma perspectiva de emancipação intelectual das nações latino-americanas, bem como ao papel da França como eixo da cultura europeia e ocidental (PIZARRO, 1994, p. 29). Nessa



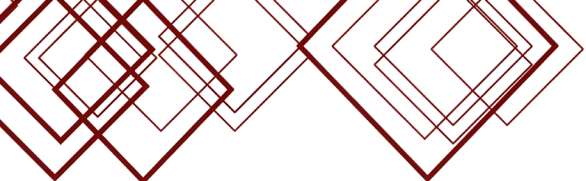
conjuntura emergiram discursos variados e, por vezes, conflitantes, que colocaram lado a lado, a condenação à imitação e a adequação à cultura modelar europeia. De acordo com Pizarro (1994, p. 30), a mudança de paradigma cultural fazia parte de um processo complexo de crescimento e consolidação política das sociedades hispano-americanas.

Contudo, apesar da influência europeia, destacou-se o processo de ressignificação presente no periódico argentino que expressou em diversas ocasiões a intenção de demarcar o lugar da Argentina e da América Latina frente a uma visão eurocêntrica, até mesmo com a interrupção da publicação de artigos sobre o “Velho Continente” por parte da revista⁴. Para os diretores da *Nueva Revista de Buenos Aires*, a cultura nacional florescia em contato com os clássicos europeus, mas originava um produto único, que retratava as características do meio e de sua população. Nessa perspectiva, criticou até mesmo algumas declarações da *Revue des Deux Mondes*. Em artigo publicado no Tomo V, o mensário contestou a afirmação de um correspondente da revista francesa sobre a inviabilidade da manutenção de revistas literárias na Argentina, motivada pela falta de literatos. Em resposta, o autor argentino salientou a qualidade dos homens de letras do país e a originalidade cultural latino-americana (E. O. A., 1882, p. 454-461).

247

As mudanças sociais e econômicas que ocorreram nos países latino-americanos na esteira da modernização capitalista das últimas décadas do século XIX existiram inicialmente como aspiração e imagem idealizada do porvir nos escritos das elites letradas. Esse processo seguiu

4 A partir do décimo tomo, a *Nueva Revista de Buenos Aires* formalizou a supressão de artigos sobre a Europa, já bastante escassos. De acordo com Ernesto Quesada, tal proposta visava “dar a conhecer” o estado da cultura dos demais povos da América Latina: “Esta tarea no solo ha sido llevada á cabo respecto de las naciones americanas de origen española sino que ha englobado todas las de procedencia latina” (QUESADA, E. 1884a, p. 05).



diferentes percursos no continente, mas todas as nações contaram com a atuação de publicistas e homens de letras que forneceram discursos de legitimação, narrativas da pátria e da identidade nacional, destinados a engendrar uma aliança entre cidadãos e Estado: “Había que unificar el Estado y consolidar su dominio sobre el territorio que cada nación hispanoamericana reclamaba como propio, redactar códigos e impulsar la educación pública» (ALTAMIRANO, 2010, p. 9). Associada a essa aspiração nacional estava um sentimento americanista, concebido como parte de uma promessa utópica, que buscava no passado não só os valores a serem salvos do esquecimento, mas também os elementos que anunciavam sua independência intelectual ou preparavam o que devia ser sua originalidade moderna (ALTAMIRANO, 2010, p. 16). Tanto a tendência nacional, quanto a americanista, foram observadas nos escritos publicados pelo mensário argentino.

248

Neste artigo, objetivamos demonstrar que a *Nueva Revista de Buenos Aires* contribuiu para a formação de uma rede de intelectuais no continente e para o estreitamento de laços de confraternidade pelos quais circularam informações, textos, livros e ideias, em um esforço conjunto de discutir as identidades nacionais e suas ramificações latino-americanas. Tal iniciativa aglutinou não apenas autores hispano-americanos, mas também brasileiros. Ao coordenar tais contatos, Vicente e Ernesto Quesada almejaram afirmar a Argentina como um meridiano cultural na América Latina, além de transformar em capital político o capital cultural que mobilizavam. Atuando como mediadores culturais, os intelectuais argentinos viabilizaram a publicação de resenhas críticas e artigos de autores de diversas nações americanas, inserindo notas que orientavam as leituras e traduções, no caso dos textos oriundos do Brasil.

Entre os demais autores provenientes dos países hispano-ame-



ricanos que contribuíram com o mensário, a discussão sobre imitação e originalidade da produção cultural ocupou o primeiro plano. Os intelectuais agregados em torno da *Nueva Revista de Buenos Aires* indagaram e propuseram respostas sobre questões relativas à literatura e aos recortes e métodos historiográficos desenvolvidos na América Latina. O estudo dos artigos publicados pela revista nos permitiu vislumbrar os debates, as abordagens e o percurso da constituição das representações nacionais no continente. Nos escritos reproduzidos no mensário argentino, os questionamentos suscitados pelos intelectuais latino-americanos baseavam-se nos temas concernentes ao papel do período colonial na composição da história do país, na valorização dos heróis da independência, no debate sobre quais figuras deveriam ganhar destaque no panteão nacional, nas correntes literárias que melhor representavam as especificidades da nação, ao estágio de desenvolvimento da cultura e ao idioma. Estes temas foram discutidos por meio de análises críticas, resenhas e balanços historiográficos, escritos diretamente para a *Nueva Revista de Buenos Aires* ou transcritos de outros periódicos.

249

Os Quesada mantiveram relações pessoais e intelectuais que os interligavam aos autores hispano-americanos, tais como encontros e contatos epistolares alicerçando vínculos de cooperação e intercâmbios intelectuais. O exame do conteúdo dos artigos recebidos, encomendados ou transcritos pelo mensário, foi pautado na reflexão acerca da atuação efetiva dos proprietários como agentes de mediação cultural em âmbito continental, o que envolve a compreensão das dinâmicas de circulação e apropriação de bens culturais e, conseqüentemente, alterações de significado quando da publicação em território argentino.

Os artigos geralmente eram acompanhados por notas da direção, que introduziam o tema e indicavam se o texto era transcrito ou havia sido escrito diretamente para a revista. Quando se tratava de reprodu-

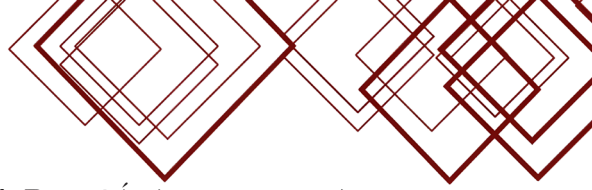


ções, os diretores acrescentavam uma pequena descrição do órgão de imprensa original, contendo, por exemplo, sua inclinação ideológica. Em alguns casos, os autores eram apresentados apenas pelo nome, com a indicação de que não se faziam necessárias maiores explicações sobre aquela figura, conhecida do público culto de Buenos Aires. Representantes plenipotenciários alocados na cidade portenha foram importantes colaboradores da *Nueva Revista de Buenos Aires*, a exemplo do boliviano Modesto Omiste Tinajeros e do colombiano José Maria Samper.

250

Quarenta e nove autores latino-americanos — excluídos os argentinos — foram publicados no mensário, dentre eles constavam oito colombianos, oito brasileiros, sete bolivianos, sete mexicanos, seis chilenos, seis peruanos, quatro uruguaios, além de um venezuelano, um cubano e um nicaraguense radicado em El Salvador. Estes produziram um total de noventa e um artigos. Buscamos ressaltar as semelhanças entre as discussões levantas pelos intelectuais do continente, com a preocupação de não desconsiderar as singularidades de cada país, pois a América Latina possui uma «unidade diversificada», com diferenças e similaridades econômicas e sociais provenientes de uma base histórica comum (PIZARRO, 1985, p. 17-18), que podem ser observadas nos escritos analisados. Os textos assinados por brasileiros, todavia, não serão abordados no presente artigo.

Ao apresentar o estudo do colombiano Adriano Páez sobre os poetas contemporâneos em seu país, a *Nueva Revista de Buenos Aires* reiterou sua proposta de estreitar os vínculos de confraternidade entre as nações latino-americanas, publicando em suas páginas escritos dos principais literatos desses países, bem como a de repercutir o movimento intelectual de cada uma das regiões da América Latina: “porqué es vergonzoso el estado de aislamiento en que se encuentran dichas naciones, ignorando hasta los nombres de los que ilustran las letras en



las comarcas limítrofes” (*N. de la Direc. PÁEZ*, 1883, p. 161).

Federico Aguilar⁵ utilizou, em sua contribuição para a revista, de um expediente característico dos intelectuais latino-americanos do século XIX: a convicção do subaproveitamento das potencialidades nacionais. Muitos dos autores reunidos em torno da *Nueva Revista de Buenos Aires* repetiram essa fórmula. De acordo com o intelectual colombiano:

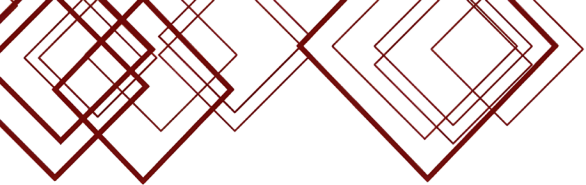
No hay pueblo más inteligente e ilustrado que de Colombia, en toda la América, pero tampoco ninguno otro más atrasado en lo material, ni que encierre más charlatanes, ni gentes más ingobernables, Y como los justos pagan por los pecadores un puñado de charlatanes, de políticos castros, de inquietos ciudadanos desacreditados toda la Nación y la mantiene con sus luchas sempiternas y su inacabable politiquería en un atraso inmerecido, á la retaguardia de sus demás hermanas. El pueblo colombiano debía hacer un rodeo general y arriar todas esas dañinas alimañas políticas y revolucionarias hacia á vegetar en el atraso y la barbarie al lado de las hordas caníbales (AGUILAR, 1884, p. 316-317).

251

O juízo de Aguilar centrava-se na condenação das agitações políticas e caudilhescas, que esporadicamente se sobressaíam à marcha do progresso do país. Contudo, manifestando outra idiosincrasia latino-americana de finais do século XIX, o autor finalizava o artigo de maneira otimista, confiante quanto à superação do passado convulsionado, na manutenção da paz e moderação e no impulso às forças produtivas colombianas promovido por uma agenda liberal.

A discussão sobre a inserção do período colonial na composi-

5 Federico Cornelio Aguilar (1834-1887), padre, estatístico e erudito colombiano. Publicou em 1884 a obra *Colombia en presencia de las repúblicas hispano-americanas*, na qual expôs as razões para a fragilidade da Colômbia — como por exemplo, a baixa importação e exportação, resultando em uma receita escassa do governo; poucos quilômetros de linhas ferroviárias, construídas a alto custo; limitado movimento nos portos e debilidade educacional — utilizando-se de comparações com países do continente.



ção das historiografias nacionais hispano-americanas, assim como uma relativização quanto ao papel desempenhado pela antiga metrópole, ressoou entre os homens de letras do continente. Uma inclinação hispanista ganhou impulso entre o final do século XIX e início do XX, momento em que a crítica ao materialismo e ao afã imperialista dos Estados Unidos somou-se à exaltação das virtudes da tradição hispânica, principalmente após a derrota da Espanha na guerra de independência de Cuba, em 1898. Na Argentina, nomes como Vicente e Ernesto Quesada, Joaquín V. González, Calixto Oyuela, Rafael Obligado, Carlos Guido y Spano e Paulo Groussac se filiaram à corrente (BEIRED, 2010, p. 269-270). Indícios de tal tendência apareceram em vários textos da *Nueva Revista de Buenos*, de diferentes autores hispano-americanos. Tais como nas discussões levantadas pelos correspondentes colombianos Salvador Camacho Roldan⁶ e José Caicedo Rójas⁷.

252

Os artigos de autores bolivianos tinham como tema primordial a literatura, sobretudo quanto à necessidade dos letrados assumirem a função de retratarem as “verdadeiras cores nacionais” e pelo desalento da presença predominante da herança espanhola. A análise de tais textos demonstra a polifonia presente na *Nueva Revista de Buenos Aires*, pois a despeito da aceitação e defesa da herança espanhola empregada pelo mensário, havia espaço para discussões que observavam essa influência como algo negativo, a exemplo dos letrados bolivianos.

De maneira geral, os autores latino-americanos concordaram quanto à intrínseca relação entre a literatura e a questão nacional, mas apresentaram variações acerca do enfoque. Majoritariamente centra-

6 Salvador Camacho Roldan (1828-1900). Economista, jurista, editor, periodista, orador e pioneiro nos estudos sociológicos na Colômbia. Ademais de seus escritos, destacou-se como um dos políticos mais ativos do país entre as décadas de 1860 e 1880.

7 José Caicedo Rójas (1816-1898). Romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, tradutor, educador, historiador e político.



ram-se nas paisagens naturais de seus países, embora alguns escritos tenham trazido aspectos da vida das populações camponesas como fontes de inspiração. Essa pluralidade remetia à complexa reflexão dos contemporâneos acerca da configuração da cultura latino-americana, permeada pelo debate em torno da dicotomia imitação/originalidade e do desejo de afirmar-se, mas sem perder de vista o modelo europeu. Quanto às relações com a Espanha, os textos de escritores bolivianos— distribuídos do tomo II ao XIII — destacaram, predominantemente, os efeitos negativos da colonização, considerados responsáveis pelo atraso de sua nação.

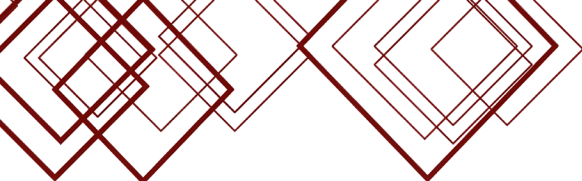
Em seus primeiros textos na *Nueva Revista de Buenos Aires*, Santiago Vaca Guzmán⁸ se dispôs a fazer um balanço da literatura boliviana. O autor demonstrou incômodo com o isolamento de seu país natal e o rarefeito fluxo de ideias mantido com os países vizinhos. Dessa maneira, as notícias que chegavam ao exterior davam conta apenas das disputas políticas, criando a imagem de uma raça belicosa, inquieta e entregue às guerras. Nada era dito sobre a sua civilização, costumes e desenvolvimento intelectual, por isso se fazia urgente estabelecer diálogo com intelectuais além-fronteiras:

253

existe, pues, en aquella región de América un pueblo que piensa, que siente, que espera, al cual le ha faltado tan solo ensanchar el vuelo de su espíritu, cambio de ideas con el universo y un poco de esa tranquilidad fecundante, necesaria al hogar y al corazón (VACA GUZMÁN, 1881a, p. 227-228).

Em sua análise do percurso da cultura boliviana, Vaca Guzmán se referiu ao período de domínio espanhol como longa noite. As rique-

8 Santiago Vaca Guzman Moyano nasceu em Sucre, 1847 e faleceu em Buenos Aires, 1896. Foi romancista, crítico literário, jornalista, advogado e historiador. Ocupou o cargo de secretário da Legação boliviana em Buenos Aires na década de 1880.



zas minerais e a prosperidade gozada por setores de elite da região do Alto Peru foram responsáveis por uma maior resistência ao movimento independentista, que só se concretizou após renhidos combates contra as forças realistas. Vaca Guzmán atribuía a esse fator a profunda fisionomia colonial ainda em vigor no país, “infiltrándose en las ideas, en las costumbres, en el carácter, en la arquitectura, conservándose hasta el acento en la pronunciación del idioma. Allí todo lleva el estigio peninsular” (VACA GUZMÁN, 1881a, p. 229). Essa inclinação se desvanecia, ligeiramente, apenas com a propensão de alguns compatriotas em tomar a França como modelo, com simpatias que beiravam ao fanatismo.

254

Para o autor, neste cenário estava assentado o defeito capital da literatura boliviana, uma vez que não refletia as peculiaridades do país e apoiava-se demasiadamente em traços estrangeiros. O intelectual boliviano julgava, assim, primordial a interlocução com os letrados do continente para que a Bolívia ultrapassasse o estágio em que se encontrava, tal como acontecia com parte da literatura argentina e uruguaia, na qual via o caráter original dos povos e não plágios.

Para o autor, a administração colonial esterilizou por séculos o desenvolvimento hispano-americano e na Bolívia

[...] el influjo de la organización colonial aún no ha desaparecido, el poder del dogma se halla en su antigua plenitud, y las más bellas inteligencias son arrebatadas al estudio por el turbión avasallador de las pasiones políticas. Siempre la maldita política proyectando su sombra esterilizadora sobre todas las manifestaciones de la vida de aquel país (VACA GUZMÁN, 1881b, p. 34).

Neste fragmento, Vaca Guzmán tocou em um dos pontos-chave da linha editorial da *Nueva Revista de Buenos Aires*, defendido por



Vicente Quesada desde o início de sua atuação no âmbito cultural: a incompatibilidade entre as letras e a política. Assim, apesar da inevitável associação, dos intelectuais latino-americanos com o serviço público, o mensário argentino lamentava, constantemente, tal relação, advogando pela profissionalização dos homens de letras e manifestando o desejo de remunerar seus colaboradores. Outros autores — entre eles, o brasileiro Franklin Távora — também defenderam estes princípios e contestaram o inelutável destino dos intelectuais do continente, que em face à necessidades materiais acabavam por relegar sua vocação literária ao segundo plano ou mesmos desistiam de tal ofício.

A despeito das amarras impostas durante os séculos de colonização, na concepção de Vaca Guzmán, a imprensa de alguns países hispano-americanos e dos Estados Unidos havia progredido de maneira extraordinária. A explicação do autor para essa diferença em relação à Bolívia — que ainda conservava os “defeitos” dos primeiros passos da palavra impressa, com uma exacerbada tendência às paixões políticas, e que padecia com a falta de leitores — estava baseada nas exíguas políticas educacionais.

255

Outro dado a ser observado no artigo foi a ausência do Brasil na análise elaborada pelo autor boliviano. Ao tratar sobre a colonização da América, Portugal não foi sequer mencionado. Este posicionamento não era uma exceção entre os intelectuais hispano-americanos do século XIX, quando os vínculos com o Brasil ainda eram escassos (ZANETTI, 1994, p. 492). O rompimento desse paradigma na *Nueva Revista de Buenos Aires* ficou a cargo da direção do mensário, que além da publicação de textos de autoria de brasileiros, declarou inúmeras vezes o desejo de estreitar laços com todos os países latino-americanos, inclusive com o Império vizinho.



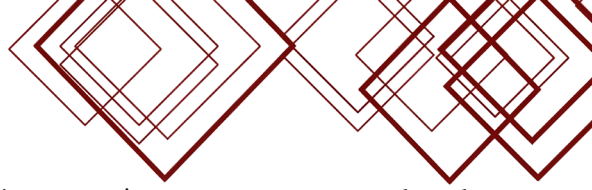
Entre os autores mexicanos, a crítica literária foi a temática central. Nestes textos, a interpretação otimista da cultura mexicana — e latino-americana em geral — se sobressaiu. A direção do mensário se manifestou por duas ocasiões, por meio de notas, destacando a satisfação em levar aos leitores a produção intelectual daquele país, “digna de ser conhecida por todos los que de América se ocupan” (*N. de la Direc.* ZAYAS ENRÍQUEZ, 1884, p. 219).

256

Na nota que antecedeu o estudo do autor mexicano Luis Alva, sobre a independência do México, foi inserida uma exposição da conjuntura política de fins do século XIX. Nesta, os Quesada afirmavam o extraordinário progresso, desenvolvimento e modernização daquela “República irmã” sob o governo de Porfírio Diaz (1876-1911), para corroborarem sua asserção arrolaram o número de empresas ferroviárias existentes no país, os quilômetros de estradas de ferro e cabos telegráficos instalados, além dos movimentos dos portos e da balança comercial.

A promessa dos diretores da *Nueva Revista de Buenos Aires* de publicar obras de escritores mexicanos de renome se concretizou logo na edição seguinte, com a veiculação de um artigo assinado por Ignacio Altamirano⁹, considerado o pai da literatura nacional mexicana. Nasido em uma família indígena, Altamirano chegou aos catorze anos sem falar a língua oficial de seu país. Idade com a qual começou seu processo de alfabetização com inopinado êxito e rapidez, conquistando uma bolsa para estudar no Instituto Liberal de Toluca. Altamirano foi acompanhado de perto pelo intelectual Ignacio Ramírez — destacado membro do movimento liberal mexicano, conhecido como el Nigromante — seu mentor e amigo.

⁹ Ignacio Manuel Altamirano Basilio. Tixtla, México, 1834 - San Remo, Itália, 1893.



No artigo, Ignacio Altamirano expôs seu parecer acerca da cultura sul-americana. O autor não apresentou as hesitações que caracterizaram as manifestações de seus pares, pontuando de maneira incisiva os méritos e a originalidade da produção dos letrados do continente:

El nacimiento de la poesía sud-americana ha sido un verdadero Génesis y no la reproducción del arte antiguo implantado en el Nuevo Mundo. La libertad la hizo germinar en un suelo virgen, fecundo-la al sol de los trópicos y la guerra la arrulló en su cuna con sus estrépitos terribles y con sus himnos de gloria!

Es una fiera y original esa poesía sud-americana, y para estimarla en su justo valor es preciso considerarla como poesía primitiva por más que su forma tenga algo de común con la poesía moderna (ALTAMIRANO, 1883, p. 561).

Altamirano rechaçou o vínculo da literatura sul-americana com as antigas metrópoles, atribuindo àquela características peculiares resultante da influência do meio, o que incluía até mesmo os conflitos políticos. Era um erro enquadrá-la em moldes europeus, o que fatalmente acarretaria na conclusão de um suposto atraso. Os poetas do continente, na concepção de Altamirano, eram produtos “de la virgen naturaleza americana abrasada por el sol. Sus idilios tienen el aroma salvaje de las grandes florestas, el calor del cielo inundado por la luz y el sabor de las frutas que destilan miel” (ALTAMIRANO, 1883, p. 562). Não eram plásticos como os gregos, sensuais como os latinos, místicos como os trovadores, hiperbólicos como os árabes, libertinos como os franceses ou sombrios como os alemães: “Son castos aunque ardientes, dulces aunque bravíos, y conceptuosos a pesar de su graciosa sencillez. La poesía amorosa sud-americana, es una poesía *sui generis*, mezcla singular de la fiereza galante española y de la dulzura melancólica del indio” (ALTAMIRANO, 1883, p. 562).

257

A interpretação de Altamirano sobre a contribuição da cultura



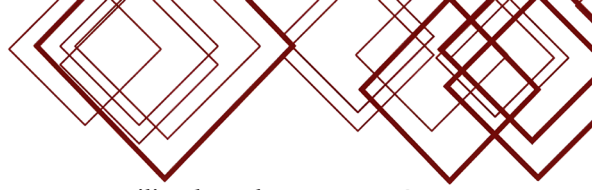
indígena nas letras americanas também foi singular na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Os demais escritores mexicanos foram unânimes em pontuar a riqueza das civilizações pré-hispânicas em seu país, afirmando, por outro lado, a impossibilidade delas terem exercido influência na literatura devido à colonização. A construção da identidade nacional no México mobilizou imagens e discursos sobre os astecas, o território e o mestiço como sinônimos de mexicanidade. O indígena real, contudo, ficou fora da equação, centrada em uma idealização do passado pré-hispânico.

258

Demonstrando conhecimento da produção intelectual do continente, Altamirano comentou a qualidade das obras do venezuelano Abigail Lozano; dos argentinos Estebán Echeverría e Luis Lorenzo Domínguez; dos uruguaios Adolfo Berro e Acuña de Figueroa; do peruano Ricardo Palma e do colombiano Jorge Isaacs, poetas que “han sabido ser originales, porque en vez de imitar pálida y fríamente la manera poética europea, han buscado en su país de América y en su propio corazón la fuente de sus propias inspiraciones” (ALTAMIRANO, 1883, p. 563).

¿Y Juan Carlos Gómez? ¿Pues qué los alejandrinos del bardo oriental: — a la Libertad, o los cantos de dolor que resuenan en su arpa templada en la soledad melancólica de las pampas uruguayas, tienen algo de parecido en la poesía antigua o moderna? ¿Y José Mármol? El apóstrofe a Rosas no se expresa con acentos conocidos en ninguna lengua. El poeta argentino los ha arrancado del huracán que agita las selvas de los Andes, del soplo aterrador del Pampero, del ronco estruendo del Tequendama, de los tumbos del mar embravecido, del mugido pavoroso del Chimborazo y de la catarata de truenos de las tormentas americanas. Buscad la explosión de la cólera fulminante de Mármol en la poesía antigua y no la encontrareis (ALTAMIRANO, 1883, p. 561-562).

Outra característica da produção cultural hispano-americana in-



dicada por Altamirano era a linguagem utilizada pelos poetas. Para o autor, a língua refletia a natureza, o espírito e os costumes de um povo e por esse motivo, o espanhol peninsular não era capaz de captar completamente a essência americana. “Desde temprano la mezcla de las razas, el contagio de las lenguas y la necesidad o el hábito dieron un carácter peculiar al idioma de estas naciones mezcladas y en materia de lenguaje ya se sabe que los pueblos no aguardan nunca el fallo de las academias” (ALTAMIRANO, 1883, p. 563-564).

O desejo de imprimir um selo nacional à linguagem culta esteve em pauta nas discussões intelectuais em diferentes países hispano-americanos. Sobre esse tema, o também mexicano Rafael de Zayas Enríquez, no artigo *Orígenes del lenguaje criollo*, criticou a Real Academia Española de la Lengua pela pouca atenção dedicada aos vocábulos regionais americanos, permanecendo alheia ao enriquecimento do idioma. De acordo com o autor, a instituição ibérica reconheceu apenas algumas expressões americanas que eram de uso corrente em todo o continente, interpretando-as e definindo-as mal. Entretanto, mostrou-se esperançoso quanto à mudança deste cenário a partir da criação de Academias correspondentes na América, pois assim seria possível encomendar a cada uma delas um catálogo de palavras de origem indígena que passaram a integrar o idioma castelhano nas suas respectivas nações.

259

Juan de Dios Peza¹⁰ afirmou que a falta de estímulos aos letrados ressaltava ainda mais os méritos dos poetas de seu país. Em ensaio — dividido em três partes —, que classificou de “*Revista crítico biográfica do estado intelectual da República Mexicana*”, listou obras e autores, oferecendo

10 Juan de Dios Peza (1852-1910). Poeta, crítico e político liberal mexicano. Ingressou na Escuela Nacional Preparatoria em 1869, na qual teve como mentor o pensador Ignacio Ramírez, El Nigromante.



uma breve explanação sobre eles¹¹. Também expôs sua compreensão acerca da essência da literatura nacional e o caminho para fortalecê-la:

El día en que todas nuestras costumbres sean estudiadas; el día en que hablemos de nuestras flores, de nuestros frutos, de nuestros pueblos, de nuestros héroes en una palabra, de todo eso que hay en América, y que solo nosotros conocemos; en ese día, repito, habremos alcanzado tener literatura propia, **como lo han alcanzado ya los americanos de Sur** (PEZA, 1883, p. 553. Grifo nosso).

Em conclusão, Peza (1884, p. 617) salientou que objetivava divulgar os trabalhos dos poetas mexicanos no exterior, posto que poucos eram conhecidos além fronteiras e “he querido que La Nueva Revista de Buenos Aires cuya profusa circulación es innegable, lleve á remotas regiones el primer dato sobre la Bohemia Mexicana”.

260

A análise dos textos de autoria mexicana publicados na *Nueva Revista de Bueno Aires* permite-nos afirmar que eles foram significativos quanto à dupla reflexão dos intelectuais do continente. De um lado, ponderaram sobre a nacionalidade mediante o exame das singularidades culturais de seu país. Por outro, exprimiram um incipiente sentimento de unidade continental, por meio da aproximação de experiências e o interesse pelas produções dos homens de letras das demais nações americanas. Este horizonte era acentuado nas inserções da direção do mensário argentino e estava na base das mediações culturais de Vicente e Ernesto Quesada.

A *Nueva Revista de Buenos Aires*, fiel ao propósito de divulgar escritores, livros e balanços do movimento intelectual latino-americano,

11 Juan de Dios Peza iniciou seu trabalho com as obras de Ignacio Altamirano, ao qual atribuiu o lugar de pai da literatura mexicana. Peza classificou a produção deste autor como “mexicana y muy mexicana; tipo de la poesía nacional” (PEZA, 1883a, p. 553).



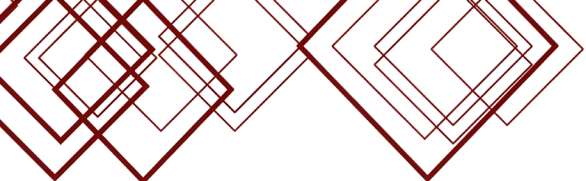
publicou artigo do poeta e educador chileno Santiago Escuti Orrego. O autor debruçou-se sobre a produção de Eusebio Lillo (1826-1910) — a quem classificou como uma das principais figuras poéticas de seu país e do continente — e refletiu acerca da inspiração nacional da literatura e do indiferentismo do público para com a cultura letrada. A partir da utilização de excertos, concluiu que não havia quem retratasse com mais exatidão a capital da República e agregasse mais significativamente em seus poemas as singularidades do país. Contudo, lamentava o fato da “mayor parte de nuestra sociedad mira con una glacial indiferencia el divino arte de Homero” (ESCUTI ORREGO, 1885, p.598).

Em sua análise acerca das causas deste desinteresse, o autor assinalou o exacerbado apego material da população, explicação que ganhara terreno na América Latina ao final do século XIX, contrapondo-se à suposta essência espiritual do povo. Ao final do artigo reiterava a defesa deste gênero literário e a missão dos poetas no tocante ao progresso intelectual das nações.

261

Que una no pequeña porción de nuestra sociedad prescinda de rendir culto á lo bello y no acoja debidamente la más alta expresión de culto, no lo extrañamos: esto se explica, en primer lugar, por la falta de ilustración suficiente; en segundo lugar, por un sentimiento, no de **positivismo, sino de grosero materialismo** que amenaza invadirlo todo. Pero el poeta es un misionero que escribe para las personas ilustradas y para esclarecer á las que no son: es un agente civilizador á quien no deben arredrar los obstáculos; un hijo de la luz, que debe luchar sin descanso contra las tinieblas del mal y de la ignorancia! (ESCUTI ORREGO, 1885, p. 598. Grifo do autor).

As publicações de textos de autoria chilena na *Nueva Revista de Buenos Aires* dialogaram com a pretensão do periódico em ser porta-voz das discussões culturais de todas as nações latino-americanas. Ao selecionar temas estritamente culturais, o mensário reafirmou a iguali-



tária acolhida aos letrados do continente, sem ferir seu posicionamento contrário à atuação do Chile quanto às questões fronteiriças. Os assuntos abordados que passaram, necessariamente, pela atuação mediadora dos Quesada, não destoaram dos principais debates levantados pelo mensário argentino, encontrados tanto nos textos de autoria argentina, quanto nos estrangeiros.

As dificuldades em estabelecer contatos, somadas à imperativa contribuição voluntária dos autores geravam entraves à ampliação da colaboração internacional na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Vicente e Ernesto Quesada buscaram preencher as lacunas na representação dos países latino-americanos, sobretudo, com resenhas e divulgação de periódicos dos países do continente

262

La prensa periódica de las Repúblicas de la América Central merecería una monografía, que sería interesantísima y nueva. Los diarios y periódicos de aquellas repúblicas circulan poco en Buenos Aires, y raras veces los de esta se ocupan de dar noticias de aquellas naciones de nuestra raza y de nuestra lengua.

La Nueva Revista ha empezado a recibir diversas publicaciones periódicas, pero algunas llegan trucas y no pocas se extinguen en los primeros números (REVISTA BIBLIOGRÁFICA, 1883b, p. 662).

Por repetidas vezes, os Quesada reiteraram o objetivo de divulgar aos seus leitores mais detalhadas sobre as revistas que circulavam na América Latina, mas a impossibilidade de compilar materiais limitava a efetivação satisfatória do propósito.

A despeito dos obstáculos enfrentados, ressaltamos a relevância da *Nueva Revista de Buenos Aires* ao capitanear um projeto bem-sucedido de estreitamento de laços e intercâmbio cultural no âmbito latino-americano, na medida em que viabilizou a publicação e a divulgação de tex-



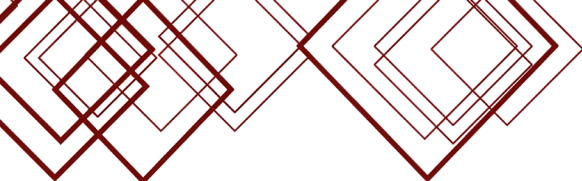
tos e ideias de autores estrangeiros na Argentina e nas localidades pelas quais o periódico circulou, ainda que de maneira incipiente. Atuando como mediadores culturais, Vicente e Ernesto Quesada ressignificaram as discussões identitárias das nações hispano-americanas, destacando as similaridades e as relações de confraternidade que as uniam, tais como o passado colonial comum, as relações com a Espanha e a língua. Julgamos que o interesse além-fronteiras e os esforços dos proprietários em reunir colaboradores oriundos dos países vizinhos tinham por objetivo afirmar a Argentina como um polo cultural na América Latina. Além disso, almejavam atribuir ao país uma liderança intelectual que, respondia ao questionamento de Vicente Quesada¹² na apresentação do primeiro número do mensário, acerca de qual seria o papel que, em benefício próprio, e no da paz do continente, correspondia à República Argentina.

263

REFERÊNCIAS

- ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In ALTAMIRANO, Carlos (org.) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Madrid: Katz, 2010.
- BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. Latinismo e hispanismo no debate intelectual ibero-americano. In BEIRED, José Luis Bendicho. *América-Espanha-América: política, intelectuais e historiografia*. Assis, 2010, p. 159-187.
- BRANDALISE, Carla. A ideia e concepção de “latinidade” nas Américas: a disputa entre as nações. In ORO, Ari Pedro (org.). *A latinidade da América Latina: enfoques sócio-antropológicos*. São Paulo: Aderaldo&Rothschild, 2008.

12 Cf. QUESADA, V. 1881, p. 6.



CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes. Intermediária entre dois mundos*. Natal, RN: EDUFRN — Editora da UFRN, 2007.

COSTA, W. P. Apresentação. In CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes. Intermediária entre dois mundos*. Natal, RN: EDUFRN — Editora da UFRN, 2007.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

HOBSBAWM, Eric J. *Nação e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PIZARRO, Ana. Introducción. In PIZARRO, Ana. (coord.). *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985. p. 13-67.

264

_____. La emancipación del discurso. In PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. vol. 2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 21-32.

ZANETTI, Susana. Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916). In PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. vol. 2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 489-534.

Artigos da Nueva Revista de Buenos Aires. Disponível em < <https://archive.org/>>

AGUILAR, Federico. Un viaje á Méjico en diciembre de 1883. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 310-321, 1884.

ALTAMIRANO, Ignacio M. Las poesías de Manuel Flores. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, tomo VI, p. 547-568, 1883.



E. O. A. Revista Bibliográfica. Las Revistas en América - Revista Brasileira - Revista de Chile - (Los literatos en la República Argentina). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p. 454-461, 1882.

ESCUTI ORREGO, Santiago. Don Eusebio Lillo. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 587-600, 1885.

PÁEZ, Adriano. Los poetas colombianos contemporáneos. José David Guarín. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 161- 181, 1883.

PEZA, Juan de Dios. La vida intelectual mexicana. Poetas y escritores moderno en la República Mexicana. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 550-579, 1883.

_____. La vida intelectual mexicana. Poetas y escritores modernos en México. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IX, p. 598-618, 1884.

265

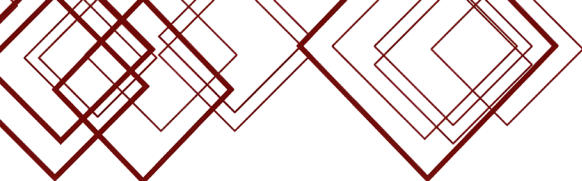
QUESADA. E. Dos Palabras. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos: Imprenta propia, Tomo X, p. 3-10, 1884.

QUESADA, Vicente. Prospecto. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 3-8, 1881.

RACOT, Adolf. Las etapas de la Revista de Ambos Mundos. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 129-151, 1884.

VACA GUZMÁN, Santiago. La literatura boliviana. Escritores en verso. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 224-243, 1881.

_____. La literatura boliviana - Escritores en prosa. *Nueva Revista de*



Buenos Aires. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p. 25-45, 1881b.

ZAYAS ENRÍQUEZ, Rafael. Historias íntimas - Mary Webb. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 219-234, 1884.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 662-679, 1883.

Recebido em: 21/03/2024 • Aprovado em 04/08/2024